

Eliseu Banori

As almas em agonia



As almas em agonia

Eliseu Banori

As almas em agonia



Rio de Janeiro
2015



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

As almas em agonia

Copyright © 2015, Eliseu Banori

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Érica Cristina Bispo

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B171a

Banori, Eliseu

As almas em agonia / Eliseu Banori - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2015.

146p. il.; 21cm

inclui índice

ISBN 978-85-5589-003-1

1. Ficção guineense. I. Título.

15-27653

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3-3(082)

26/10/2015

27/10/2015

Dedico esse livro a todos os jovens guineenses que sonham em cada noite com um amanhã que nunca se amanhece, que um dia essa esperança de vencer a vida ocupe lugar das expectativas irrealizáveis.

Devo gratidão a Deus pelo dom concedido de expressar os sentimentos em palavras; Grato a professora Anabelle Loivos pelo incentivo de levar adiante a publicação dessa obra; ao meu amigo Lamine Soncó que tem me incentivado sempre a escrever. Às minhas queridas amigas: Érica Cristina Bispo e Carmem Tindó, ambas estudiosas das literaturas africanas pelas palavras sábias que somam maiores virtudes da obra.

Tudo cabe na nossa memória se soubermos despertá-la.

Augusto Abelaira

Nota do Autor

Já dizia a famosa frase na literatura brasileira de que nem tudo que a gente diz expressa nossos sentimentos. Não me lembro de quem é a frase, que a minha memória deixou de guardar, porém a grande verdade é que a literatura não é tão aceitável para expressar a dor da nossa alma. Apesar de que através dela podemos conscientizar a abraçá-la em alívio da nossa aflição, isto é, podemos sorrir para não chorar, alegrar para não ficar triste, contudo no fundo do fundo há um vazio na nossa alma que só o tempo é capaz de preenchê-lo.

O presente livro *As almas em agonia* espelha a dor de maioria dos jovens guineenses, e procura abordar em gênero imaginário a real situação que envolve a juventude guineense. Enquanto eu escrevia não me parava de pensar e viajar num passado amargo que eu me submeti ao longo dos anos, aliás, a vida miserável cercados pela falta: de oportunidades, dos sonhos fracassados e de um amanhã que nunca se amanhece.

Não é segredo nem é muito raro ouvir a resposta de um jovem guineense que vive em Bissau, ou qualquer parte do país se for perguntado em relação ao seu futuro: a resposta que podemos esperar dessa pergunta, certamente é sair do país em busca de uma nova vida. Esse sonho você pode ler em cada rosto frígido, enxergar de longe as lágrimas amargas e infinitas que inundam seus espaços cotidianos. Se a situação política e econômica do país fosse aprazível não era tão necessário alimentar esse desejo, que muitos até são capazes de sacrificar a

vida e arranca-rabo com seus familiares a fim de conseguir um visto carimbado no passaporte destino à Europa. Contudo cientes da dura situação vivida lá, porém nada importa, pois muitos que forem por lá já dão bem na vida e muitos deles se fantasiam para confundir o povo ao regressarem ao país Natal. É uma realidade, um sonho, um desejo no seio da juventude guineense de sair do país a qualquer custo.

Como eu disse antes enquanto eu escrevia esse romance me viajei muito a minha infância, a minha adolescência em Bandim para poder reunir elementos favoráveis para sustentar o que escrevo, pois é nessa infância que adquire as primeiras percepções do mundo, um olhar que não se limita a nada. E assim sendo, o personagem Preto João Ferreira carrega em si vários traços e característica para se representar o jovem guineense, seja no aspecto social, seja no aspecto tradicional e religioso. Não posso esconder de que me inspirei muito em algumas realidades tradicionais cheias de superstições e rituais locais aqui apresentadas de formas imagináveis para poder chegar ao leitor com clareza.

Ao longo da leitura do livro, o leitor poderá encontrar inúmeras palavras idiomáticas desconhecidas no texto de formas abusivas, para isso, procurei organizar um glossário enorme para facilitar a compreensão das mesmas. Não foram tão fáceis glosar muitas destas expressões para português, pois a língua crioula é uma língua em processo de evolução sem uma gramática normativa e descritiva. Sendo assim, procurei trazer mais sinônimos para uma única palavra sem fugir dos contex-

tos a tratar. Espero que o leitor possa viajar em mundo de ficções, que no fundo é uma realidade de vida dos jovens guineenses. Também espero que o leitor possa saborear a delícia e os sons fonéticos da língua crioula, uma língua viva, fácil de se entender e comunicar.

Eliseu Banori

Prefácio

Rosa assim és Guiné
Na pétala que dói
Minha rosa ferida
Resvalas na foice fria da memória esquecida
(Tony Tcheka)

A primeira vez que conheci a Guiné-Bissau foi em 1995, num livreto da igreja que anunciava a construção de uma escola em Bafatá. Apaixonei-me por esse projeto educacional imediatamente e, por causa dele, descobri o país. Descobri que era um pequeno país na costa oeste africana, onde as pessoas, como eu, tinham o português como língua oficial. À época, eu não imaginava que poucas pessoas fossem, de fato, falantes do português.

A segunda vez que conheci a Guiné-Bissau foi em 2002, nos contos de Odete Semedo. Descobri que as histórias que ela contava lá eram muito parecidas com umas histórias que se contavam por aqui, no Brasil. Ao seu texto que misturava a fala com a escrita chamavam oralitura. Fiz dessa autora meu objeto de estudo por três anos. A Guiné-Bissau entrara na minha vida para ficar.

A terceira vez que conheci a Guiné-Bissau foi por causa de uns exemplares da *Revista Tcholona* que consegui pelas mãos de Abdulai Sila. Ele me ajudou a conhecer a Guiné-Bissau algumas outras vezes pelos seus livros, mas não só. As leituras que consegui por meio de Sila me levaram cada vez mais a conhecer melhor aquele

país. Enxergá-lo com mais clareza. Entender suas idiossincrasias, suas manias e crenças. A cada dia desejava mais estar lá e ouvir o crioulo, que era a verdadeira língua do povo.

A quarta vez que conheci a Guiné-Bissau foi com Moema Augel e o que ela conhecia da literatura. Como diz Eliseu Banori, “a literatura é aquilo que nos toca, que nos fortalece, aquilo que edifica a nossa vida”. E a literatura da Guiné-Bissau, cada vez mais, mexe comigo e me faz pensar no meu Brasil.

Também conheci a Guiné-Bissau indo até lá. Falando com aquele povo. Andando naquela terra vermelha. Vendo as crianças pelas ruas. Comprando panos no mercado Bandim. Comendo atum fumado com malagueta. Ouvindo o povo falar na língua guineense.

A Guiné-Bissau é assim, se conhece aos poucos e muitas vezes. E sempre há muito a se descobrir. É uma terra multifacetada, multicultural e muito rica, com muita história e muito sofrida. É um país encantador.

Agora, 20 anos depois de conhecer a Guiné-Bissau pela primeira vez, eu conheço um pouco da alma do guineense através de Eliseu Banori e de seu livro *Almas na agonia*.

Conheci Eliseu quando ele veio para o Rio de Janeiro fazer sua Graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde eu já estudava há alguns anos. À época, eu cursava o doutorado, que resultaria numa tese sobre Abdulai Sila, o primeiro romancista guineense. Lembro-me de interromper a aula da professora

Carmen, minha orientadora, para entregar-lhe um capítulo da tese. Ela parou a aula, me apresentou aos alunos e fez questão de me apresentar ao Eliseu, o estudante guineense que estava naquela turma. Eu cumprimentei-o com mantinhas. Isso deve ter sido em 2010 ou 2011...

Em solo brasileiro, Eliseu tem semeado seu texto. Estreou na poesia com o livro *Em busca de espaço verde*, pela editora Magnífica, em 2011. Em 2012, continuou a abrilhantar-nos com seus versos na obra *O vento ainda sopra*, pela editora Multifoco. No livro *Memórias fascinantes: relatos que traduzem o silêncio*, de 2014, editora Multifoco, Eliseu inova ao embrenhar-se pelo gênero ensaístico, mas não deixa a poesia, que divide espaço com as análises sociológicas.

Eliseu Banori se mostra um audaz estreante na prosa de ficção com a novela que ora vem a lume. Sua hábil escrita poética se faz presente também na prosa tanto no fluxo contínuo de pensamento da sua narrativa, quanto na escrita de um poema que invade a cena diegética. É notável sua coragem em transitar entre os gêneros.

Em trânsito também se encontra a alma do guineense entre a esperança e o desespero. A vida no quinto país mais pobre do mundo não é fácil, e Preto João Ferreira, protagonista do romance, nos mostra isso. A falta de luz nas ruas, os problemas de saneamento básico, a constante corrupção dos políticos do país e a instituição do *suku di bas* em quase todas as instâncias se apresentam como empecilho para a trajetória de Preto e de tantos outros jovens guineenses.



A PoDEditora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

FSC - Forest Stewardship Council - © 1996

